

O MICROBIO



Semanario de caricaturas

Redactores artisticos: **CELSE HERMINIO E AUGUSTUS**
 REDACTOR LITTERARIO: **TITAN**

ASSIGNATURAS	
CONTINENTE E ILHAS	
Anno.....	3,000
Semestre.....	3,500
Trimestre.....	3,250
AFERICA	
Anno.....	2,500
PAIZES FÓRA DA CONVENÇÃO POSTAL	
Anno.....	4,500
BRAZIL	
Anno.....	10,500
ANNUNCIOS	
Linha.....	20
Repetidos, por contracto.	

EXPEDIENTE

Os assignantes receberão O MICROBIO pela primeira expedição do correio, e, portanto, 4 horas antes do jornal ser posto á venda. Toda correspondencia deve ser dirigida ao redactor: Rua de...

N.º AVULSO
20 RÉIS

Oito dias depois
 da publicação
50 RÉIS

CAMBISTA GESTA

78, R. do Arsenal, 78

LOTERIA DE 12:000\$000 RÉIS
 A 13 DE NOVEMBRO

Grande sortimento de bilhetes, meios, decimos e cautellas de todos os preços.

CAMBIO, LO...

PAPERS DE GR...

JOÃO VIERLING & C.ª

Ex-gerente da casa de cambio de Antonio Ignacio da Fonseca
44, Rua do Arsenal, 46
Esquina do Pelourinho, 1, 2, 3

(TELEPHONE N.º 611)

Compram e vendem pelos melhores preços do mercado libras, ouro portuguez e todas as moedas e notas estrangeiras.

Tambem negociam sobre inscripções e todos os papeis de credito que tenham cotação na bolsa, e descontam os juros internos e externos.

Têm sempre grande sortimento em bilhetes, decimos e cautellas de todas as loterias portuguezas.

Consultorio de Agronomia e Veterinaria

N'este consultorio tratam-se todos os negocios referentes á agricultura. Encarrega-se do fornecimento de quaesquer quantidades de plantas de videiras americanas, das melhores castas conhecidas, da replantação de vinhas, enxertias, tratamentos, machinas agricolas, analyse de terras, adubos, etc., bem como de toda a sorte de construcções.

Preços de tabella os mais resumidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Duarte Figueiredo R. do Poço dos Negros, 13, 1.º ou R. dos Correios, 233, 2.º D.

LISBOA

107 JOAO BARREIROS OUVREIROS

Compra e vende objectos de ouro e prata e pedras preciosas, e relógios de ouro, prata e aço.

Concertos e encommendas

RUA AUREA

107



D. JOÃO DA CAMARA

REABERTURA

DO

THEATRO DE D. MARIA II

EMPRESA—BRAZÃO & ROSAS



E. J. Brazão

Marcando o dia 10, como é fóra da duvida que marcará, uma época memoravel na historia da Arte portugueza, seja-nos permitido trocar, esta semana, o nosso habitual estylo faceto, por meia dusia de linhas a serio dedicadas á reabertura do theatro Normal.

Mais do que nunca toma o acontecimento, este anno, extraordinario vult, visto que com elle concorrem: a primeira de um original portuguez, e original do mais applaudido e talentoso dos nossos modernos escriptores theatraes; a inauguração de um tecto novo, devido ao pincel do pintor portuguez mais genial e quiçá o unico cujo eu artistico, inconfundivel e flagrante, resalta tão expontaneo de téla, que, a um leigo em materia de pintura, facil se torna reconhecer á primeira vista os seus quadros; e, finalmente, a estreia, por assim dizer, na grande scenographia, de um novo, portuguez tambem, cheio de

talento e de especiaes conhecimentos, avido de vencer e sequioso de gloria!

O facto representa, portanto, mais do que um acontecimento artistico—é um acontecimento nacional. E, por isso mesmo que na sciencia, como na politica, como em tudo mais, somos, nacionalmente, um descrente, seja permittido ao nosso *chauvinismo*, rechacado n'este unico ramo da aptidão humana—as Bellas Artes—que folgue sinceramente, que folgue profundamente, perante a prova manifesta, accentuada e irrefutavel do renascimento da Arte em Portugal, que traduz a alliança dos tres nomes: D. João da Camara, Columbano e Augusto Pina, á cabeça da lista de outros tantos nomes gloriosos como os dos societa-rios e artistas de D. Maria,—Brazão, João e Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Mello, Rosa Damasceno, Lucinda Simões, Virginia, etc, etc, etc.

Não crêmos que outros melhor penhor possamos dar ao publico da insuspeitabilidade da nossa opinião, do que a declaração leal de que, de todas as pessoas citadas, apenas duas conhecemos de tracto. A estas não voltaremos, por isso mesmo, a referir-nos. São Mello e Augusto Pina.

Afóra ellas, no que se refere ás demais, nem as nossas palavras já proferidas, nem as por proferir, poderão ser acimadas de suspeitas, ou de dictadas por sympathia pessoal. Sympathia artistica, sim, diremos mais, e reconhecimento patriótico, pois que cada uma d'ellas, pela parte com que tem concorrido no concerto da sustentação e elevação dos creditos do nosso Theatro, temol-as nós por verdadeiras benemeritas,—por mais que incorramos nas inectivas criticas dos zoilos de botequim ou de porta d'estanco, aliás tão improductivos como inoffensivos, pois que as suas dentadas são como as suas... obras: não deixam traço.

É tanto de nossos dias, que não vae além de uns seis a oito annos, o periodo de absoluta decadência do nosso Theatro.



João Pasos

Desde o palco de D. Maria, até aos palcos populares, o theatro francez e um pouco o hespanhol, imperavam em absoluto. A litteratura dramatica, como a romantica, depois do periodo aureo de Garrett, Cascaes e Chagas, até Ennes, como se padecera de uma verdadeira anemia, contava apenas rarissimos cultores, e estes quasi exclusivamente do genero «revista», e outras peças populares, as quaes enfermavam, em geral, da pécha da immoralidade, levada quasi sempre ao exaggero, e redundando em obscenas. Influencia do genero *ambiguo*, então em pleno exito em Paris.

Peças como o *Coupé 117*, *Piperlin*, e outras, áparte o incontestavel merito de seu impeccavel factura theatral, não passam sem deixar rasto perante platéas, na sua maior parte incapazes de dar o desconto indispensavel entre o meio da acção e o meio da representação d'ellas — e d'aqui a desorientação dos espiritos, ao ponto do publico dos theatros chegar só a admitir a reproducção tantas vezes insonsa, por incomprehensivel para elle, de peças e de personagens inacclimataveis entre nós.

A correr parelhas com este obice, a deseducação dos artistas, forçados no circo de ferro do personagem estrangeiro, a reproduzirem-se constantemente, ou antes a reproduzirem constantemente erros de que eram aliás irresponsaveis, vista a impossibilidade para nós, portuguezes, com uma caracteristica muito nossa de costumes, de feitto e, sobre tudo, de typos, de *advinharmos* os costumes, os feittos e os typos exóticos, cunho sem o qual, á melhor obra do theatro, faltam os principaes predicados: observação e exactidão.

Se exceptuarmos raros artistas, cujos meios de fortuna propria os habilitaram a ir estudar ao estrangeiro um que outro papel e depois *reproduzil*-o entre nós—tudo mais que durante annos desfilou pelos nossos palcos era falso, falsissimo.

E ainda estes sacrificios, tão raros que se resumem a dois ou tres exemplos, offereceriam, á luz da sã logica, compensação bastante? Não seria mais bem applicada esta sêde d'acertar, que, em todo o caso, transluz sempre do trabalho dos nossos actores, levando, ás vezes, alguns, a verdadeiros milagres de intuição,—ao estudo pautado, paciente dos nossos typos das nossas paixões e do nosso meio?...

Quando não fosse mais, não possuiriam hoje os nossos artistas, em lugar d'uma galeria de personagens confundiveis, entre os quaes, por acertado, um resalta, ou por acaso, ou de copia colhida fóra, ou na passagem a alguma celebridade estrangeira—uma verdadeira galeria de creações estudadas na origem e interpretadas mais ou menos felizmente, mas com certeza com um cunho de fidelidade, em relação ao personagem, e de personalidade com respeito ao actor, que falta em absoluto ao nosso theatro d'hontem?

Tanto assim é e está hoje, finalmente, reconhecido, que actualmente a rubrica do *original* a encimar, no cartaz, o titulo d'uma peça, tem o condão de encher uma platéia; tanto é, que os proprios que descreiriam do r'nascimento do nosso Theatro, são hoje concordes em verificar os seus progressos verdadeiramente inesperados; tanto é—e é este o nosso supremo argumento...—que, para uma peça, entre nós, attingir actualmente a sua 100ª, é necessario que essa peça seja... portugueza.

Pelo triumpho incipiente do renascimento da nossa litteratura dramatica, hoje que já ninguém duvida de que esse renascimento será completo, seja permittido, aqui, entre parenthesis, que se rejubile, quem n'um canto modesto do *Interesse Publico*, já em 1888 pugnava, na sua obscuridade, quanto sabia e quanto podia, em prol de crusada patriótica da nacionalisação do Theatro, em Portugal.

Ora se foi do theatro de D. Maria que essa iniciativa partiu, se a pedra fundamental do grandioso



João Pasos



COLUMBANO

TATRO DE D. MARIA II

CROQUIS do PANNEAU principal do novo tecto de Columbano, collocado junto ao arco do proscenio



(Pela incorrecção do desenho e quaesquer lapsos d'impressão, etc, pede a Empreza do *Microbio* mil desculpas ao distincto pintor, signatario da magnifica obra d'Arte)

edificio é representada pelo *Duque de Vizeu*, servido d'alicerces ao mesmo edificio, *Leonor Telles*, *D. Affonso VI*, *Alcacer Kibir*, *A Morta*, *O Intimo*, *Os Castros*, *A Madrugada*, afóra outras peças que por lapso não citamos, ou deixamos de citar, proposadamente, por em nada terem concorrido, antes pelo contrario, em favor da patriótica crusada—não será simples preito de justiça, n'este momento excepcionalmente jubiloso para os que se interessam por estas banalidades de Arte, registar aqui bem patente e bem franco o nosso protesto d'agradecimento aos que principalmente concorrerem para o almejado Fim?

Não discutimos se a empresa Brazão & Rosas, conta erros mais ou menos graves, na sua administração interna. Reconhecendo nós, como reconhecemos, a difficuldade de agradar em geral, quem tem que agradar a todos, a nossa phylosophia tem-nos conduzido a considerar-nos inteiramente satisfeitos quando nos agradam... por metáde!

O simples serviço que deixamos registado, seria para nós motivo bastante para incondicionalmente dedicarmos todo o nosso applauso aos actuaes societarios do theatro Normal, não só pelos effectos directos, obtidos pelos seus esforços, como pela benéfica reflexão d'esses esforços nos demais theatros. Um dia, proximo, em que os cartazes de todas as casas d'espectaculos de Lisboa, annunciem, á uma, peças originaes, esse dia será o de apothose a esse triumvirato d'artistas de talento e de saber, que poderão ser caluniados pelos inimigos, ou mal apreciados pelos amigos, mas a quem os desconhecidos não deixam de prestar inteiro culto de justiça.

Por certo que seria delicioso continuar a ver representar ao lado da pleiade illustre que trilha o palco de D. Maria, Joaquim d'Almeida, por exemplo, Lucinda do Carmo, etc.,—e ainda, completando o já relativamente magnifico conjunto da actual companhia, Valle, Soler, Emilia Eduarda, Angela Pinto e alguns mais artistas, cujo incontestavel talento alli resplandeceria de todos os seus lumes—mas, por amor de Deus, isso seria realisar o que é, de natureza... irrealisavel—a perfeição absoluta.

Se ha Arte que dispense os claros-escuros, é, por certo, a do theatro. Toda de apparato e de apparencias, qualquer sombra, n'ella, é mancha. Assim, o Ideial, seria uma peça representada por primeiros artistas desde o protagonista até á mais infima rabula. O Ideial debaixo do ponto de vista artistico, e ainda debaixo do ponto de vista economico, porque não haveria peça que... *cahisse*.

Mas quantos inconvenientes d'ahi não resultariam? Chamando um theatro a si, todos os primeiros artistas, como organisar companhias para os demais theatros? A que ficariam reduzidos todos os modestos soldados da scena, sem generaes que os conduzissem?

Seria um desequilibrio de forças, que promoveria nem mais nem menos do que a extincção do Theatro. Seria sacrificar a tres, quatro, cinco annos de requintada Arte, a Arte futura,—já pelo desanimo entre os actuaes segundos artistas, que tratariam d'outra vida, resumindo, assim, a proporções estreitissimas os cultores da scena, já impossibilitando artistas futuros de se manifestarem.

E' facto, que durante muitos annos, o theatro Normal, não deu um discipulo que verdadeiramente merecesse esse nome. Porém, coincidindo esse estagnamento lamentavel na Arte dramatica, com o estagnamento não menos lamentavel na litteratura theatral, nós somos dos que filiamos menos este facto na má vontade dos societarios d'aquelle theatro, do que, princi-

palmente, na quasi geral indifferença que então lavrava pelas cousas de Arte, em absoluto.

O juizo de que aquelles receiassem quem lhes fizesse sombra, pareces-nos, pelo menos, temerario. Ao primeiro que appareceu, Ferreira da Silva, abonamos nós que as portas lhe foram abertas de par em par, e Ferreira da Silva é dos que poderia fazer sombra. Unicamente as grandes arvores nunca se ensoambram mutuamente... Podem sim, desenvolver-se mais ou menos á larga, conforme o espaço de que dispõem, mas umas cobrirem as outras é materialmente impossivel desde que todas... sejam verdadeiramente grandes!

Ora, se attendermos a que o campo da Arte é immenso, sem limites, como poderemos admittir, sem pensamento reservado, que homens de talento possam receber a concorrência de outros talentos, em terra, de mais a mais, onde o talento tanto escasseia?

Mas não ha só Ferreira da Silva. Temos ainda Alves, um dos novos de mais garantido futuro, que é obra apenas do theatro Normal, temos Maria Falcão, temos Bresd'lind, temos Delphina, que transportados todos de theatros de segunda e de terceira ordem, são hoje outras tantas ridentes promessas, e formam já um nucleo de discipulos que, naturalmente, succederão, com a evolução fatal do tempo, aos Mestres de hoje, e lhes hão de honrar a memoria, temos a certeza d'isso.

Sem falarmos ainda d'outros, como Ernesto Valle, Carlos Santos, Maia, etc, os quaes, conquanto de breve passagem pelo palco de D. Maria, transportaram para fóra, com elles, evidentes provas de aproveitamento, que, se são de molde a lisonjeiar a sua applicação, não abonam menos significativamente o benéfico influxo d'aquelle meio verdadeiramente artistico e uberrimo de proveitosos exemplos e applaudiveis esforços.

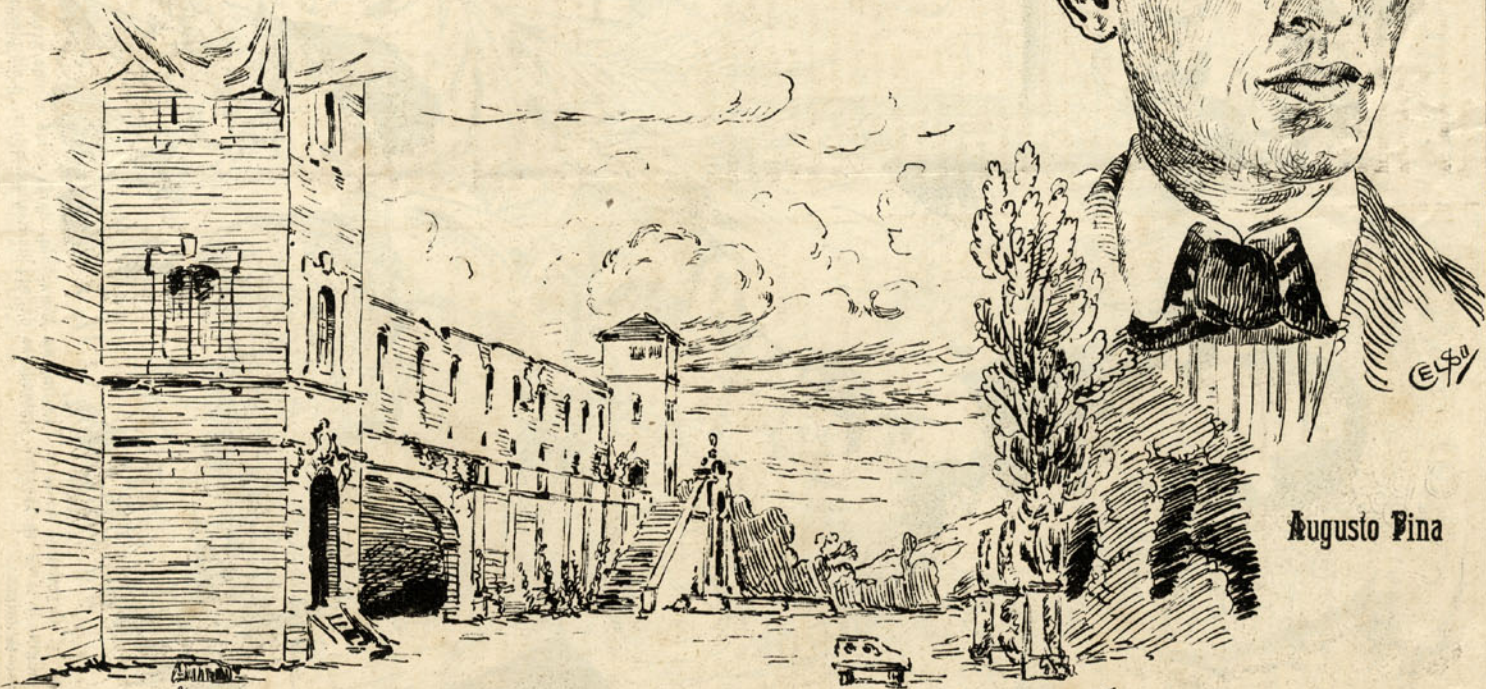
O facto de desejarmos offerecer hoje aos leitores d'*O Microbio*, em solemnisação da faustosa data que registamos, varios retratos, *croquis*, etc., que se relacionam com o assumpto em questão, serve-nos de magnifico ensejo para expormos publicamente o que de ha muito constitue orença nossa, intima, sincera e arreigada.

Se as contingencias da vida jornalistica, algumas vezes, como nas questões Lucinda e Joaquim d'Almeida, por exemplo, nos tem levado a advogar causas, sendo de facto, pelo menos aparentemente, contrarias ás sympathias dos societarios do theatro de D. Maria, nunca deixámos de a todos prestar este mesmo preito de justiça que gostosamente aqui deixamos agora consignado.

Tito Martins.



O PANTANO



Croquis da scena de Augusto Pina, do 2.º acto de *O Pantano*

AVUGTO PINA.



O trabalho de Anna Pereira, na *Marechala*, daria nome a uma artista que o não tivesse no dominio da grande Arte do theatro; tratando-se da applaudissima actriz, é simplesmente consagração do seu immenso talento.

Acaba de entrar no 6.º anno de publicação a revista mensal de agricultura

“PORTUGAL AGRICOLA,,

O PORTUGAL AGRICOLA é distribuido no fim de cada mez aos fasciculos de 24 a 32 paginas de texto intercallado com gravuras, traduzindo a feição agricola do paiz e dando ao mesmo tempo specimens de toda a alfaia rural mais moderna e aperfeçoada, cujos bons resultados praticos temham sido plenamente demonstrados.

É o jornal agricola de maior circulação no paiz e que, pela sua indole, se torna indispensavel a todo o agricultor.

Assignatura por anno 3\$000 réis. Assigna-se na

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

Rua do Arco do Bandeira, 27—LISBOA

Acaba de sahir do prélo o 14.º volume da bibliotheca do “Portugal Agricola,,:

ESTUDO DO FABRICO E CONSERVAÇÃO DO VINHO

POR

JOÃO DA MOTTA PREGO

Agronomo repetidor do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Preço 600 réis

Recebem-se pedidos na Companhia Centro Agricola Industrial, Rua do Arco do Bandeira, 27—Lisboa.

GRANDES ATELIERS

Grande fabrica de carimbos de metal e borracha, sellos, balancés para marcar a branco e tinta, sinetes para lacre, roupa e tintas, chapas para portas e bilhetes, brazões em papéis, monogrammas e bilhetes, fazem-se todas as qualidades de gravuras em aço, metal, pedras finas, etc.

Atelier de gravura em madeira, retratos, paisagens, etc.

Lithographia e typographia a vapor. facturas, recibos, bilhetes, obras illustradas, rotulos, trabalhos a côres, letras, memoranduns e mais trabalhos em todos os generos para o commercio, industriaes e repartições, etc.

Estampagens em relevo de monogrammas, brazões, timbragens, etc.

Fabrica unica no paiz, onde se fabricam e nickelam viteses, prensas, balancés, cunhagens, etc.

Papelaria, papeis superiores nacionaes e estrangeiros, objectos de escritorio.

FREIRE—GRAVADOR

Séde — 158, 160, 162, 164, RUA DO OURO

Papelaria **FREIRE—GRAVADOR** e com as respectivas officinas de gravura. Fabrica de carimbos, timbragens, cunhagens. **Lithographia, typographia a vapor.**

Editor, José Maria Baptista de Carvalho.—Typographia do Commercio, Rua Ivens, 50—Lisboa.

CHAPELARIA LISBONENSE



GRANDE VARIEDADE

DE

Chapeus e bonets



26, Rua de Santo Antão, 2

PREÇO

LIMITADOS

CHAPEU PLUMM

PESO 50 GRAMMAS

PREÇO 1\$000 RÉIS

J. G. P. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

Approvado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e premiado na Exposição de Bordeus de 1892

Rua da Assumpção, 103, 1.º

Faz sciente ao illustrado publico de Lisboa e clientes da patria, que só garante os trabalhos feitos no seu consultorio, rua da Assumpção, 103, 1.º, e que nunca esteve ligado nem tem annexação com a pessoa alguma, como lhe consta se trata de persuadir o publico.